

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

Geni Ricardo

GESTÃO DA SALA DE AULA: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR

São Lourenço do Sul, RS
2018

Geni Ricardo

GESTÃO DA SALA DE AULA: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional (EaD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), com requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**.

Orientador: Belkis Souza Bandeira

São Lourenço do Sul, RS
2018

Geni Ricardo

GESTÃO DA SALA DE AULA: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional (EaD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), com requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**.

Aprovado em 29 de junho de 2018:

Belkis Souza Bandeira, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Eliane de Avila Colussi, Me. (UFSM)

Sueli Menezes Pereira, Dra. (UFSM)

São Lourenço do Sul, RS
2018.

RESUMO

GESTÃO DA SALA DE AULA: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR

AUTORA: Geni Ricardo

ORIENTADORA: Belkis Souza Bandeira

Este trabalho teve a intenção de trazer uma reflexão a acerca da falta de interesse dos alunos pela sala de aula. Com a pesquisa, buscou-se identificar as razões pelas quais os educandos não demonstram interesse na aprendizagem escolar; identificar os desafios da prática pedagógica docente diante da questão do desinteresse do educando; o porquê da escola não estar atraindo o aluno; e verificar o que está causando essa falta de interesse no estudante. Nesta investigação foi utilizado como preceito metodológico a pesquisa qualitativa, porque oportuniza abordar de forma contextualizada o universo de dados do tema pesquisado. Também se utilizou a pesquisa bibliográfica, a partir da análise de fontes que tratam de diferentes maneiras o tema escolhido. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário com duas questões para nortear a pesquisa, aplicado ao diretor, vice-diretor, professores dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e professores do Ensino Médio. A análise da pesquisa revelou que a maioria dos problemas e desafios da carreira docente, a razão dos estudantes estarem perdendo o interesse pelo aprender na sala de aula e o motivo da escola não estar atraindo os alunos é o modelo atual que não corresponde mais aos anseios dos alunos para que permaneçam na escola, pois fica claro que a gestão da sala de aula não está conseguindo alcançar os alunos e que ela precisa ser detentora de um conjunto de competências para que possa haver construção de conhecimento em sala de aula. Os resultados mostraram que esse assunto é uma preocupação que já vem sendo estudada há bastante tempo e que os gestores estão buscando estratégias para combater esse problema, mas de forma aleatória e sem planejamento, não obtendo, assim, um resultado efetivo. Concluiu-se também que é necessário que o docente esteja em constante reflexão e busca pela sua formação para vencer os desafios da sala de aula, além do apoio da comunidade em geral, da instituição e do poder público.

Palavras-chave: Gestão da sala de aula; Gestor escolar; Falta de interesse do discente.

ABSTRACT

MANAGEMENT OF THE CLASSROOM: A CHALLENGE FOR THE TEACHER

AUTHOR: Geni Ricardo
ADVISOR: Belkis Souza Bandeira

This work intends to bring a reflection about the lack of interest of the students in the classroom. With the research, we sought to identify the reasons why students do not show interest in school learning; identify the challenges of teaching pedagogical practice in the face of the disinterest of the student; why the school is not attracting the student; and check what is causing this lack of interest in the student. In this investigation was used as methodological precept the qualitative research, because it allows to approach in a contextualized way the universe of data of the researched topic. We also used bibliographical research, from the analysis of sources that treat the chosen theme in different ways. For the data collection, a questionnaire with two questions was used to guide the research, applied to the director, deputy director, teachers of the initial and final years of Elementary School and high school teachers. The research analysis revealed that most of the problems and challenges of the teaching career, the reason students are losing interest in learning in the classroom and why the school is not attracting students is the current model that no longer corresponds to the yearnings of students to stay in school because it is clear that classroom management is failing to reach students and that it needs to be a set of skills for classroom knowledge to be built. The results showed that this issue is a concern that has been studied for a long time and that managers are seeking strategies to combat this problem, but in a random and unplanned way, thus not obtaining an effective result. It was also concluded that it is necessary that the teacher is in constant reflection and search for its formation to overcome the challenges of the classroom, besides the support of the community in general, the institution and the public power.

Keywords: Management of the classroom; School manager; Lack of student interest.

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

EJA - Educação para Jovens e Adultos
MEC – Ministério da Educação
PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais
RS – Rio Grande do Sul
UAB – Universidade Aberta do Brasil
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 - OS DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIANTE DA QUESTÃO DO DESINTERESSE	12
1.1 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE DIANTE DO DESINTERESSE DOS ALUNOS.....	15
2 - A GESTÃO EM SALA DE AULA: UM BREVE RELATO DE SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA	18
3 - GESTÃO DA SALA DE AULA: REFLEXÃO SOBRE A CRISE NO COTIDIANO ESCOLAR	23
4 –O EDUCANDO E O DESINTERESSE ESCOLAR	25
5 - METODOLOGIA	28
6 – RELATO DA COLETA DOS DADOS	31
6.1 – ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICES	47

INTRODUÇÃO

“Continuo buscando, re-procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade.”

Paulo Freire

A atuação do gestor de sala de aula é hoje parte inerente da vida escolar, ou seja, é aquilo que se espera da escola: o trabalho com o conhecimento, a organização da produtividade, a relação intrapessoal e a realização do educando. Assunto que a cada dia parece mais distante da realidade dos educadores, pois a maioria dos alunos está muito desinteressada pelos estudos, visto que eles têm tantas outras ocupações mais atrativas que chegam até a elaborar estratégias para justificarem o não querer estudar. E esse empoderamento do aluno está deixando o professor sem conseguir atingir o seu objetivo, que é a construção do conhecimento com o educando.

A falta de interesse do educando em sala de aula tem sido motivo de reflexões de muitos professores. Muitos dos docentes não sabem mais o que fazer para que seus discentes prestem atenção e demonstrem interesse. Essa falta de vontade em aprender dos educandos deixa-os tão apáticos que não conseguem manter a atenção por muito tempo nos conteúdos ministrados pelo educador. Nesse sentido, salienta-se a “falta de participação e interesse dos alunos durante as aulas, ausência no cumprimento das tarefas, conversas entre colegas [...]”. (BINI; PABIS, 2008, p. 3). Como consequência, o professor não consegue ir adiante com os conteúdos, ficando frustrado por não conseguir alcançar as suas metas.

Para os educadores, o educando, como centro do processo de aprendizagem, deve ser incentivado a ser autônomo e responsável em todos os sentidos, inclusive decidindo seus objetos de estudo, por isso, torna-se uma construção coletiva, cujos esforços de todos resultam no alcance desses objetivos. Desse modo, é muito importante incorporar toda a curiosidade e energia natural dos educandos para que elas possam contribuir para a reversão dessa situação em sala de aula e com isso consigam ter satisfação em aprender.

É oportuno analisar as causas que estão levando ao desinteresse dos estudantes, a fim de se buscar soluções para o problema que os professores estão

enfrentando em sala de aula e, dessa forma, contribuir para o bom andamento escolar e para a qualidade do ensino. Por esse motivo, desde o início da prática docente deve-se buscar contribuir para amenizar o problema, para que o estudante possa ter o prazeroso gosto do saber.

Nas experiências docentes existem dúvidas, medo de não se conseguir ministrar as aulas conforme o aluno merece, há preocupação de tentar explicar o conteúdo para os discentes da melhor forma possível para que eles possam compreender o que se quer transmitir. Por isso, sempre que possível, deve-se levar atividades contextualizadas e mais atrativas para que possa haver um bom entendimento e uma aula mais dinâmica. Tais atividades são frutos de uma constante reflexão sobre a prática pedagógica, o que pode contribuir para uma melhoria na qualidade do ensino desses educandos e para que eles se sintam tocados por uma aprendizagem significativa.

Nesse sentido, há necessidade de buscar ações para combater certas mazelas da dinamicidade, isto é, aproximar o ensino de acordo com a realidade do educando, da globalização, do mundo moderno do tecnicismo, da teoria desvinculada da prática, das precariedades das escolas e da carência de recursos político e pessoal, somados a docentes sobrecarregados de atividades; uma vez que todo esse quadro caótico da educação no Brasil precisa urgentemente ser revertido.

Partindo do princípio de que a gestão da sala de aula é uma peça fundamental para a modificação dessa engrenagem no processo educativo e que contribuiu para profundas transformações, criando novos cenários para o ato de ensinar a aprender no cotidiano escolar, em que o educador precisa conhecer os seus alunos para poder instigá-los a construir conhecimento e também aprender com eles, o desenvolvimento de um currículo mais adequado para os anseios dos alunos, de acordo com a realidade deles, torna-se uma ação fundamental para a erradicação das mazelas em referência.

A gestão da sala de aula pode ter a característica de um profissional inovador, que trilha caminhos para que o aluno se sinta capaz de transformar a informação fornecida em pesquisa e, através dessa pesquisa, chegar a um conhecimento instigador que o induza a ser questionador, crítico, pensante, desafiador, curioso, que sai de sua área de conforto e começa a buscar o seu próprio caminho. É muito importante que o professor deixe de ser autoritário, ou seja, que tenha um bom relacionamento com os alunos e que saiba se colocar como um mediador para obter

meios para que os alunos tenham o maior aproveitamento para o seu aprendizado e, visando a tornar seus educandos cidadãos conscientes, proporcione meios para que eles sejam autônomos e criem o gosto de serem ativos nas suas atitudes.

Por haver interesse por gestão da sala de aula, acredita-se que o profissional da educação deva estar sempre inquieto com as suas práticas educativas para tentar amenizar essa crise que assola o processo de ensino e aprendizagem. O professor, enquanto gestor da sala de aula necessita de meios para ter conhecimentos, habilidades e didática para poder desempenhar melhor o seu papel, para que o estudante possa se sentir instigado pela sala de aula e ter estímulo pelo conteúdo. Para tanto, e sabendo da necessidade de um estudo aprofundado a respeito da gestão da sala de aula e do desinteresse dos estudantes pelo aprendizado é que surge o seguinte questionamento: O que a escola está fazendo para resolver o problema do desinteresse do aluno pela sala de aula?

Salientando a importância dessa investigação, propõe-se como objetivo geral identificar quais as estratégias que o professor possui para resolver o problema do desinteresse dos alunos pela sala de aula; e mais especificamente, identificar se na escola há problema de desinteresse dos alunos pela sala de aula; e verificar o que está sendo feito para resolver o problema do desinteresse por parte do educando.

Nesta investigação será utilizada como preceito metodológico a pesquisa qualitativa, porque oportuniza abordar de forma contextualizada o universo de dados do tema pesquisado. Também se utilizará a pesquisa bibliográfica, a partir da análise de fontes que tratam de diferentes maneiras o tema escolhido. Essas fontes utilizadas foram livros, monografias, artigos, periódicos (jornais, revistas), entre outros. Foi utilizado um questionário com duas questões para nortear a pesquisa, aplicado ao diretor, vice-diretor, professores dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e professores do Ensino Médio. Foram entregues 38 questionários, sendo que 21 foram respondidos, portanto, 55% dos entrevistados responderam a pesquisa.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo que o primeiro trata dos Desafios da prática pedagógica diante da questão do desinteresse; o segundo aborda a Gestão em Sala de Aula: um breve relato de sua construção histórica; o terceiro capítulo remete à Gestão da sala de aula: reflexão sobre a crise no cotidiano escolar; o quarto trata sobre o Educando e o desinteresse escolar, e por fim, a

metodologia que foi utilizada para o desenvolvimento do trabalho, e as considerações finais com comentários a respeito da investigação.

1 - OS DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIANTE DA QUESTÃO DO DESINTERESSE

“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende”.

Leonardo da Vinci.

A prática pedagógica nos dias atuais necessita de um olhar reflexivo. É através da prática pedagógica que se revisita a trajetória profissional, a qual ainda está vinculada ao professor como transmissor do conhecimento, o que precisa ser desconstruído. Por isso, há a necessidade do profissional refletir sobre a sua prática diária. “[...], na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 1996, p. 39).

Nesse sentido, o educador faz avaliações de atuações adequadas para a prática docente “a reflexão sobre o seu ensino é o primeiro passo para quebrar o ato de rotina, possibilitar a análise de opções múltiplas para cada situação e reforçar a sua autonomia face ao pensamento dominante de uma dada realidade” (ALARCÃO, 2005, p. 82-83).

Convém salientar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) “auxiliam o professor na tarefa de reflexão e discussão de aspectos do cotidiano da prática pedagógica, a serem transformados continuamente pelo professor”. (BRASIL, 1997, p. 7). Nesse enfoque, as diretrizes fomentam o discurso para que se tenha uma pedagogia renovada para buscar outras práticas em sala de aula.

De acordo com Tardif (2008), a prática docente é fruto da atuação da experiência profissional e pessoal, portanto, a prática pedagógica necessita o estar sempre em constante formação, conseqüentemente, quando se escolhe ser docente, não se garante uma boa atuação se não estiver em constante busca pelo saber, “[...] um professor não pode somente “fazer seu trabalho”, ele deve também empenhar e investir nesse trabalho o que ele mesmo é como *pessoa*”. (TARDIF, 2008, p. 141, grifo do autor). Assim mesmo, com tantos problemas que o profissional vem enfrentando, principalmente em relação à indisciplina dos alunos, a prática pedagógica é trabalhada na obtenção da relação de reciprocidade em sala de aula,

na tentativa de construir novos mecanismos para uma boa atuação no ambiente escolar, sempre pensada na busca de melhoria na qualidade educacional.

A falta do interesse dos discentes traz percalços à prática pedagógica impossibilitando o bom andamento na sala de aula, atrapalhando, desse modo, “a indisciplina perturba os professores, afeta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm que se confrontar”. (CARITA E FERNANDES, 1997, p. 15 apud MAIA, 2011, p. 2).

O professor passa por dificuldades relevantes na formação, advindas do sistema educacional e social; “o objetivo prioritário dos programas de formação e desenvolvimento profissional dos docentes deve-se situar na reconstrução do pensamento prático cotidiano, isto é, na facilitação da reflexão”. (PÉREZ, 2001, p. 194). Nesse sentido, o educador precisa ter um olhar para a capacitação que atenda as exigências para compreender quais os motivos dos educandos estarem perdendo o sentido do aprender na sala de aula e não se sentirem atraídos pela a escola. Nessa nuance, corrobora Aranha (2005, p. 81) que,

[...] a questão do diálogo, do clima de troca e cumplicidade se fazem importante numa escola radicalmente democrática. Reconhecer os docentes como sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, como educadores em toda a dimensão do termo, é essencial. Mas, reconhecê-los também como gestores ou co- gestores do seu trabalho é a linha divisória entre uma mudança real ou fictícia no interior das escolas.

O ensinar vai muito além da formação do docente, pois é preciso um trabalho que favoreça a construção de práticas coletivas e disciplinares, diante do aluno que está insatisfeito com o que a escola está lhe oferecendo, e, assim, construir laços afetivos, que podem ser determinantes, através do diálogo, do saber ouvir, do sentir-se respeitado. Segundo Garcia (1999, p. 137);

O conceito desenvolvimento profissional dos professores pressupõe uma abordagem na formação de professores que valorize o seu caráter contextual, organizacional e orientado para a mudança. Esta abordagem apresenta uma forma de implicação e de resolução de problemas escolares a partir de uma perspectiva que supera o caráter tradicional individualista das atividades de aperfeiçoamento dos professores.

A prática pedagógica implica em saber agir em determinado momento para nortear o desconforto da falta de interesse e para enfrentar essa crise que assola a sala de aula, proveniente da insatisfação dos jovens brasileiros de perceberem a

importância dos conteúdos ministrados. De acordo com Sacristân e Gómez, (1998, p. 379) a prática pedagógica é o

[...] processo de ação e de reflexão cooperativa, de indagação e experimentação, no qual o professor/a aprende e ensina porque aprende, intervém para facilitar, e não para impor, nem substituir a compreensão dos alunos/as, a reconstrução do seu conhecimento experiencial; e ao refletir sobre a sua intervenção exerce e desenvolve sua própria compreensão.

No tocante à prática pedagógica, existe uma lacuna na formação docente no que diz respeito à falta de interesse dos alunados, pois os professores não se encontram preparados para enfrentar essa realidade que os alunos vêm apresentando. Segundo Aquino (2003, p. 384), “[...] estaria sinalizando, que algo, do ponto de vista pedagógico e, mais especificamente, das relações estabelecidas em sala de aula, não está se desdobrando de acordo com as expectativas dos envolvidos”.

Está sendo um desafio para os educadores pensarem alternativas para reverter esse quadro caótico da má qualidade do ensino no País, por isso, o profissional deve “relembrar caminhos conhecidos e trilhar alguns outros” (PERRENOUD, 2000, p. 12). O referido cenário é bastante pertinente para que a prática pedagógica seja pensada, revista e atualizada no viés de novas perspectivas para atender aos anseios desse público tão descontente com a educação brasileira.

Desta forma, a prática pedagógica é um palco exigente de discussão e reflexão permanente para o docente que precisa se reinventar diariamente, pois é na sala de aula que é o espaço onde se coloca em prática o processo de ensinar e também o de aprender a aprender com os alunos que estão chegando no ambiente escolar nos dias atuais. Com relação a essa luta incansável da realização do trabalho docente no que tange ao fazer pedagógico, o docente vem buscando mecanismo para romper com os velhos paradigmas para se adequar aos problemas da realidade da classe escolar vividos atualmente.

1.1 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE DIANTE DO DESINTERESSE DOS ALUNOS.

“A prática docente crítica, implicante do pensamento certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. (Paulo Freire)

A formação continuada é um meio que implica o quanto é importante as reflexões e mudanças nas práticas pedagógicas do docente, dessa forma, é sentir capacitado dentro do magistério para atender aos desafios da situação educacional com responsabilidade e competência. Segundo Tardif (2008, p. 35)

Todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação; e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez, exige uma formalização e uma sistematização adequada.

A formação continuada é a estruturação de conhecimentos que possibilitam a renovação em sala de aula, dando um novo sentido à prática pedagógica com viés de contextualizar novos saberes, mas, para isso, é necessário planejamento e realização de políticas públicas que priorizem a formação docente. Essa formação precisa ser voltada para a prática e estabelecer uma relação dialógica com o trabalho docente, sobretudo, aos desafios diários. Há inúmeros desafios para o educador no cotidiano escolar, e um dos desafios que está se levando em conta nesse estudo monográfico é a falta de interesse do educando pelo aprender em sala de aula.

Nesse caso, a formação docente precisa fortalecer os anseios dos educadores voltados para a produção do saber para que ocorram mudanças na prática pedagógica, e para motivar nossos educandos, precisa-se saber quais os critérios atuais que podem auxiliar na gestão em sala de aula para poder promover o interesse, dedicação e a motivação dos alunos. E para que isso aconteça é pertinente uma mudança de paradigma nas escolas no que tange as aulas abstratas, ditas tradicionais, pois se evidencia que há mudança de comportamento dos discentes que estão chegando hoje no ambiente escolar e o que a escola tem para lhes oferecerem já não tem mais sentido.

Para Tardif (2008, p. 221), é primordial “Transformar os alunos em atores, isto é, em parceiros da interação pedagógica [...]” Essa é uma preocupação constante do docente em que o discente possa ser o protagonista da sua própria aprendizagem e, a formação continua é vista como um meio imprescindível de aperfeiçoamento para permear novos métodos na prática pedagógica de apropriação de conhecimentos voltados para essa nova geração. Com o objetivo de provocar mudanças desse cenário de desinteresse do aluno que a sala de aula vem apresentando. Ainda pelo mesmo autor. “O professor, [...] cortejar o consentimento do outro a fim de ganhar a batalha da aprendizagem. Para que essa relação se estabeleça, é preciso que o professor e alunos se entendam minimamente” (p. 222). No entanto, para ensinar é preciso que o docente e o discente estejam em sintonia, para que isso ocorra é vital que o educador saia de sua zona de conforto. Percebe-se que o docente esta em busca de formação que permite a aproximação do discente e que contemple uma troca de aprendizagem para poder conduzir melhor a formação dos alunos. Nesse enfoque, é dada a importância de um programa bem fundamentado de formação continuada que possa contribuir para a qualificação do profissional, além de fomentar um ambiente de construção de estratégia prazeroso para que o próprio discente esteja a fim de resolver os desafios propostos em sala de aula e que servirá para a sua vida.

Através das leituras dos documentos bibliográficos é possível destacar que a formação continuada pode ter funções transformadoras de uma realidade escolar, pode ser um meio norteador dos velhos conhecimentos com os novos conhecimentos, ou seja, um articulador na troca de experiência que ganha um novo significado através de experiências profissionais que podem ser compartilhadas “[...] um ator que desenvolve e possui sempre teorias, conhecimentos e saberes de sua própria ação”. Tardif (2008, p. 235). Para o autor o docente possui saberes que são arraigados de suas vivências, o que transcende na postura interdisciplinar, que pode ter a nuance de reversão desse quadro caótico da falta de interesse dos discentes. Tardif (2008, p. 114-115) diz que, “Exige-se, cada vez mais, que os professores se tornem profissionais da pedagogia, capazes de lidar com os inúmeros desafios suscitados pela escolarização de massa em todos os níveis do sistema de ensino”.

Diante dessa realidade que os docentes estão enfrentando esta havendo uma vertente de medidas na busca por investimentos na formação profissional que provoque mudanças na educação através da postura do docente no ato de ensinar.

É importante destacar que a formação continuada é entendida como uma possibilidade de dar um novo sentido à prática pedagógica, por isso, compreende-se que um novo perfil profissional da educação está se formando com a visão de acompanhar essas transformações escolares, um profissional mais capacitado de realizar melhoras em suas próprias práticas, de ter condições de envolver os discentes que participem ativamente na construção do seu saber, quebrando assim, com a falta de interesse do discente.

2 - A GESTÃO EM SALA DE AULA: UM BREVE RELATO DE SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

“O principal objectivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram.”

Jean Piaget

A gestão da sala de aula teve o seu DNA em vários recursos didáticos e metodológicos usados no controle e autoridade desde o Período Colonial, com a chegada dos colonizadores e dos padres Jesuítas para catequizar os índios e alfabetizar os filhos dos colonos no Brasil. Sander (2005, p. 93) diz que foi “o encontro entre o mundo dos donos da casa e o mundo dos visitantes”. Dessa forma, os primeiros educandos brasileiros recebiam uma formação fundamentada nos clássicos antigos. Sangenis (2004, p. 93) diz que:

De fato, os jesuítas empreenderam no Brasil uma significativa obra missionária e evangelizadora, especialmente fazendo uso de novas metodologias, das quais a educação escolar foi uma das mais poderosas e eficazes. Em matéria de educação escolar, os jesuítas souberam construir a sua hegemonia.

Mesmo contra a vontade dos índios, os Jesuítas, com método de repetição, memorização e ênfase na concentração, silêncio, ou seja, uma disciplina severa e rígida, conseguiram ter o domínio, a disciplina, a organização e o controle. “[...] e cuja realização se percebe, em consequência, como algo imposto”. (TAPIA, 2012, p. 45). Assim o “gentil” era doutrinado fora do seu contexto, moldado na civilização dos padres, perdendo a sua identidade. Nesse sentido, fomentou-se a alienação e a submissão do ensino-aprendizagem.

Desse modo, Fausto (2002, p. 49) mostra a missão dos Jesuítas.

Constituiu no esforço de transformar os índios, através do ensino, em “bons cristãos significava também adquirir os hábitos de trabalhos dos europeus, com o que se criaria um grupo de cultivadores indígenas flexível às necessidades da colônia.

Conforme pesquisas, percebe-se que muitos problemas vividos hoje na formação do professor têm sua raiz em algum lugar na história do magistério, ou seja, o empoderamento e o domínio por autores com a missão do capitalismo que fomentou no trabalho pedagógico para preparar o educando para fortalecer os seus

privilégios da classe dominante e, este pareceu não se importar com os nativos da terra, pois o que interessavam a eles era utilizar a mão de obra para a produção capitalista. “Historicamente, os professores foram, durante muito tempo, associados a um corpo eclesial que agia com base nas virtudes da obediência e da vocação”. TARDIF (2008, p. 243). Os educadores tinham que agir conforme as normas superiores que regiam a educação. Assim, a abordagem da sala de aula começa sem a aproximação entre educando e educador, sem a participação do educando, com um relacionamento bem estreito, a escola parece não ter a preocupação alguma com esse ser, não tem respeito, rouba o que é seu, tirando seu costume, crença, hábitos e impondo a sua rotina para resolver o seu problema, dando um estrago enorme na vida dele, pois o que lhe era ensinado estava relacionado com o costume da coroa Portuguesa e não com o da sua vivencia.

Sob esse olhar de dominação dos mais fortes, a gestão da sala de aula vem “caminhando”, de forma primitiva, o ensino ainda esta muito enraizada no método expositivo, focada nos padrões culturais. Como a sala de aula é o lugar onde se dá o convívio diário entre o educador e educando e, é o momento da socialização, da construção do conhecimento, no entanto esse caminho anda no ritmo muito lento quanto a participação do educando nas aulas, que parece uma “esponja” absorvendo tudo o que lhe é ensinado sem contestar. Desse modo, a construção do conhecimento deveria ter descortinado o olhar do estudante, fornecido um ambiente de aconchego, de confiança, de olho no olho, de diálogo; uma prática menos limitada na qualidade do ensino, uma construção do vínculo dentro das possibilidades do nativo, sem tirar a sua essência, sem ser autoritário. Assim, Freire (2004, p. 67)

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação, não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

O professor ensinava de acordo com a exigência da sociedade, que visassem a produção de sucesso as normas do mercado de trabalho, com isso, a legislação educacional foi se acomodando e dando formação para os educandos para se adequarem as necessidades do mercado do trabalho. No sistema

capitalista, a educação foi um “leque” para disciplinar e controlar os operários. Nesse sentido, a sala de aula fica “refém das pressões internas que sofre do sistema” (ZAGURY, 2006, p. 301), a escola não tem muita autonomia, pois é subordinada à classe dominante, visto que, aqui, as escolas assumiram a função de treinar e ensinar os trabalhadores para se ter melhor eficiência e maior produtividade.

Nas palavras de Carvalho (2000, p. 16), a escola está direcionada à norma.

Ela tem em suas mãos a oportunidade de ensinar o que é mais importante para os alunos: adquirir habilidades e aptidões que serão úteis para a vida e para o mercado de trabalho. A escola precisa ensinar cooperação. E a melhor maneira de fazê-lo é através de modelos de trabalho em cooperação dentro da sala de aula.

Essa engrenagem da sala de aula com a responsabilidade da classe dominante, um procedimento de desvalorização e maquiagem da situação, contribuiu para que o professor sofresse com a má gestão. "O professor foi sendo paulatinamente esvaziado dos seus instrumentos de trabalho: do conteúdo (saber), do método (saber fazer), restando-lhe, agora, quando muito, uma técnica sem competência [...]" (CURY, 1982 p. 59 apud, COSSETTE, 2016, p.45). Tal cenário proporcionou o gerenciamento do comportamento do professor desqualificado, o comportamento indisciplinado do aluno em sala de aula e a cultura indisciplinar. “pode ser compreendida como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções” (AQUINO, 1998, p. 201).

Atualmente estão sendo discutidas as funções do educador e provocando muitas reflexões, sobretudo nas heranças culturais deixadas pelo período colonial e pela sociedade industrial em que o professor ainda tem a sua prática enraizada no passado, no qual o educando não podia sequer questionar, mas simplesmente cumprir deveres. Sobre o olhar de Wachovicz (2009, p. 18):

Na educação escolar, nem sempre os alunos querem aprender. A obrigatoriedade da matrícula coloca-os nas salas de aula, eles tornam-se amigos de alguns de seus colegas e passam a querer ir à escola. Mas a busca do conhecimento tem sofrido ao longo da história da instituição social escolar certo desencanto que vem dar na dissolução do desejo de aprender e que não favorece o enigma.

Essa formação transformou-se no ensino de má qualidade e na cultura da indisciplina. Agora se tem esse desafio de formar crianças, adolescentes e jovens

em adultos críticos, que saibam trabalhar em equipe, que sejam responsáveis, comprometidos e interessados pelo saber. Para Aquino (1998, p. 204)

Precisamos tornar o nosso ofício como um campo privilegiado de aprendizagem, de investigação de novas possibilidades de atuação profissional. Sala de aula é laboratório pedagógico, sempre! Não é o aluno que não se encaixa no que nós oferecemos; somos nós que, de certa forma, não nos adequamos às suas possibilidades. Precisamos, então, reinventar os métodos, precisamos reinventar os conteúdos, em certa medida, precisamos reinventar nossa relação com eles, para que se possa, enfim, preservar o escopo ético do trabalho pedagógico.

É urgente desfazer esse desencanto do desejo de aprender que contribui para a falta de interesse. Para atender essa geração que já nasce conectada, isto é, os educandos que estão chegando as nossas escolas, estão cercados de tecnologias e com muitas aptidões e habilidades, isso requer mudanças na prática pedagógica para poder se encaixar na realidade deles e, para dá sentido as atividades ministradas em sala de aula. Diante dessa realidade, os educadores não estão tendo formação continuada para atender esses alunados. Para Tardif (2008, p. 249), “[...] os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, de uma formação contínua e continuada.”

Para que haja essa modificação no ensino e na aprendizagem, é necessário que o docente receba investimento na sua formação, pois é fundamental para contemplar a visão inovadora pela qual a educação vem passando, a valorização profissional é um fator muito importante para que o docente possa superar cada vez mais os desafios que o cotidiano escolar apresenta, para que, sintam-se capacitado, motivado em estar em sala de aula.

Nesse sentido, o gestor da sala de aula, desvencilhando-se das mazelas do passado, apesar de ainda termos a metodologia no modelo conteudista fruto do processo histórico de dominação do sistema capitalista e que a educação foi um mecanismo de subordinação, foi instruída para o lucro e não com a finalidade da formação do cidadão com pensamento crítico, reflexivos e com saberes para a vida. Essa barreira da escola ter sido uma ferramenta para pano de fundo da para os interesses dá população mais privilegiada da sociedade, tem-se a necessidade de novas transformações através de projetos para erradicar o desinteresse pelo saber, de direção escolar, de vontade política que possa atrair os jovens para a sala de

aula, com liderança, bom relacionamento, aulas atrativas que estimulem a concentração do educando, agucem a curiosidade e fomentem o saber.

3 - GESTÃO DA SALA DE AULA: REFLEXÃO SOBRE A CRISE NO COTIDIANO ESCOLAR

“Grande parte da pessoa é o professor, e grande parte do professor é a pessoa.”

Antonio Nóvoa

O gestor conhece bem a dificuldade em lidar com situações de indisciplina e a falta de interesse em sala de aula. Não é raro sentir-se impotente e esgotado diante de alunos que parece não querem aprender, pois o conteúdo já não é mais atrativo, pois estão “[...] acostumados a aceitar sem questionar o que os professores apresentam [...]”. (TAPIA, 2012, p. 39).

A sociedade mudou, assim como o aluno que frequenta a escola, mas esta mudou muito pouco. Tapia (2012, p. 40) aponta que “Quando essas características não estão presentes, torna-se mais difícil manter a atenção centrada na informação que se recebe”. Esse cenário caótico de crise que se abateu sobre as escolas dá lugar para o desinteresse desse aluno que não vê sentido e nem aplicabilidade para o seu futuro no que lhe é ensinado. Fita (2012, p. 67) entende que “A aprendizagem implica normalmente uma interação do aluno com o meio, captar e processar os estímulos provenientes do exterior que foram selecionados, organizados e sequenciados pelo professor”.

A gestão em sala de aula não consegue trabalhar essa deficiência pelo qual a educação brasileira está passando, visto que o estudante de hoje tem muitas informações e ele somente usa as que mais lhe convém, enquanto a escola está defasada. O professor está sem condições de buscar novas possibilidades para incluir na sua prática pedagógica, as quais contribuam com a qualidade do ensino, que valorizem o conhecimento, que objetivem a construção do coletivo, a fim de que o discente seja capaz de entender, compreender e ter o interesse em participar em conjunto na sala de aula. Segundo Nóvoa (2002, p. 23) “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente”.

Com o salário obsoleto e, em alguns casos, parcelados, o docente tem a necessidade de suprir essa situação, aumentando sua carga horária de trabalho, o que acaba sobrecarregando-o; além de um currículo que praticamente dita regras,

sem levar em conta a participação do educador, o atendimento à diversidade e o trabalho com as diferenças.

Sobre esses aspectos, Tardif (2008, p. 252) compreende que a:

Crise do profissionalismo aponta também para a crise do poder profissional e para a confiança que o público e os clientes depositam nele. É preciso entender, aqui, o termo “poder” tanto no sentido político quanto no sentido de capacidade ou competência. Por um lado, no sentido político, o poder profissional parece, com demasiada frequência, estar servindo muito bem aos interesses dos profissionais do que aos interesses de seus clientes e do público em geral. Por outro lado, se pensarmos em termos de capacidade, o poder profissional perde tanto quanto ganha e, quando ganha, seus êxitos são muitas vezes ambíguos e portadores de efeitos imprevistos e às vezes perversos.

Nesse cenário, o gestor não consegue desempenhar o seu papel com o educando, ou seja, o de desenvolver o processo ensino-aprendizagem para que o saber seja realmente significativo para o aluno. Conforme Fita (2012, p. 67), “Entende por aprendizagem a mudança que se produz num sistema que chamamos o aluno ao passar de um estado inicial a um estado final.” Portanto, conseguir prender a atenção do aluno, quando ele não quer aprender, é um grande desafio para o gestor (professor). Para Tardif (2008, p. 132), “Nada nem ninguém pode forçar um aluno a aprender se ele mesmo não se empenhar no processo de aprendizagem”.

O professor precisa do apoio da escola, da comunidade (família) e do trabalho em equipe para que ele consiga conduzir a implementação de planos de ação robustos e consistentes, monitorando e tomando as ações corretivas para o melhor andamento da sala de aula. Por isso, a importância da interação educador e educando para superar um processo muito desafiador: o cumprimento dos conteúdos e o atingimento das metas estabelecidas.

4 - O EDUCANDO E O DESINTERESSE ESCOLAR

“Um dilema: Não aprendo porque não me esforço ou não me esforço porque não aprendo, porque não sei o que fazer?”

Jesús Alonso Tapia

Com os conteúdos não relacionados com a realidade do aluno, ele não vê o sentido em aprender. “Se não serve para nada porque eu quero aprender”, relato dos próprios estudantes por não entender o porquê de estudarem determinados conteúdos que para eles não faz sentido algum. Esse ensino pautado na Revolução Industrial que representa o interesse da burguesia nos trouxe a educação bancária como defendia o educador Paulo Freire, ou seja, o ensino conteudista, com classes, uma atrás da outra, o mestre depositando conteúdos e o educando absorvendo sem poder questionar.

De acordo com Bini e Pabis (2008, p. 4) “se o aluno não encontra significado no trabalho que tem a realizar, se não vê perspectiva futura nesta aprendizagem, provavelmente não terá interesse em aprender”. Esse método de ensino, juntamente com a abstração de conteúdos, não têm sentido para o universo de alguns discentes, faz com que ele perca o gosto pelo estudo e não acredite que a escola possa transformar a sua vida, não tem garantia de um futuro melhor, pois o que lhe é ensinado não tem aplicabilidade no seu

cotidiano. Conforme Gasparin, (2005, p. 15),

O educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado; deve perceber alguma relação entre o conteúdo e a sua vida cotidiana, suas necessidades, problemas e interesses. Torna-se necessário criar um clima de predisposição favorável à aprendizagem.

Dessa forma, é preocupante a falta de participação e interesse pelas aulas. Percebe-se que para ele a escola não o coloca na condição de merecimento de ocupar aquele espaço, em razão disso a escola está perdendo esse aluno.

Nesse contexto, ainda há as mídias, com muitas propostas tentadoras para os estudantes, pois oferecem um universo simultâneo de informações que a escola não consegue acompanhar.

À luz de Kalinke, (1999, p.15),

Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A Internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado.

Como as tecnologias estão cada vez mais inseridas no cotidiano de educando e educadores, mesmo assim, esses recursos ainda não são muito trabalhados em sala de aula, essa metamorfose não depende apenas de professores e alunos, mas também de termos administradores, diretores e coordenadores mais engajado, que abracem todas as causas que estão envolvidas no processo pedagógico.

Como mostra a reportagem do Site do Correio Braziliense e a reportagem do programa Profissão Repórter, da Rede Globo, o motivo da escola não estar atraindo os alunos é o modelo atual que não corresponde mais aos anseios desses jovens brasileiros. A reportagem revelou que os entrevistados não percebem utilidade no conteúdo das aulas e desejam atividades mais práticas, alegando que exemplos do cotidiano utilizados em sala de aula facilitam o aprendizado. A estatística apresenta ainda que as escolas parecem não estar interessadas em se apropriar dos recursos tecnológicos para conseguir manter os estudantes em sala.

Na fala da presidente Priscila Cruz, do Movimento “Todos pela Educação”, a escola também é muito responsável pelo desinteresse dos estudantes. Acrescentou dizendo que em um primeiro momento deve-se criar um espaço para o jovem, porque este quando começa a se desinteressar pela escola é porque ela perde o sentido para ele, isto é, quando ele começa a aprender coisas que ele não entende, não compreende e não consegue acompanhar.

Para que a escola não perca o seu papel de referência na vida dos discentes é preciso recuperar o interesse, faz necessária a reflexão em torno dessa problemática, para que, a partir de esclarecimentos do que vem causando a falta de interesse do estudante, se possa buscar alternativas que amenize a causa do problema. “[...] quais as causas que levam os alunos a agirem dessa forma e o que é possível fazer para que esta realidade reverta em benefícios positivos” (BINI; PABIS, 2008, p. 3).

É interessante frisar que esse problema enfrentado pelos docentes do desinteresse escolar dos discentes, o modelo de escola de hoje em dia não produz

mais encantos nos alunos de um futuro melhor como ela perpassava. Parece que a escola não realiza mais os sonhos desses jovens que estão em sala de aula na atualidade. O gestor da sala de aula (professor), não esta conseguindo motivar, não esta conseguindo criar situações que o discente possa compreender que a aprendizagem como um lugar importante de realizações para o seu futuro.

Dada a situação o professor precisa descortinar as entaves de que a escola não tem poder para mudar a vida dos alunos, isto é, o docente precisa mostrar para os discentes que a escola pode falar a mesma língua deles, que a sala de aula é um espaço da construção do conhecimento, que eles podem ter o entendimento das atividades escolares trabalhadas concomitantes com a sua realidade de vida, com apoio, com respeito, com dedicação, com articulações das ideias, com estímulo ao raciocínio, de estabelecimento do diálogo em diferentes pontos de vista. Apesar da falta de perspectiva dos discentes pelo os estudos, disso faz se um processo de aprendizagem coletivo, pois o docente deverá ter qualificação para administrar novos procedimentos que atendam aos interesses e a participação de todos no ambiente escolar.

Disso depende também um sonho maior que é do gestor (professor) ser valorizado, de um currículo estruturado que atenda aos objetivos do público alvo e do ambiente escolar condizente com as necessidades. Essa causa pode ser solucionada com a ajuda dos órgãos competentes que possam alavancar medidas educacionais para evidenciar a importância do papel da escola no futuro desses discentes.

5 - METODOLOGIA

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.”

Paulo Freire

Segundo Lakatos e Marconi (1990, p. 15), pesquisar significa “averiguar algo de forma minuciosa, é investigar”, salientando que o significado do termo investigação “não é unívoco, pois há várias definições sobre o termo nos diferentes campos de conhecimento. Contudo, o ponto de partida da pesquisa reside no problema que deverá se definir, avaliar, analisar uma solução para depois ser tentada uma solução” (LAKATOS; MARCONI, 1990, p.15).

O desenvolvimento da proposta deste trabalho far-se-á por meio de uma pesquisa bibliográfica que permite uma reflexão pessoal com mapeamento de registros escritos acerca dos conceitos de gestão em sala de aula, da falta de interesse do estudante e do olhar do docente sobre essa temática, através de um processo de busca criterioso de textos, documentos monográficos, artigos científicos publicados em periódicos, entre outros locais que apresentam um conteúdo documentado.

Tem-se como pesquisa bibliográfica aquela que é realizada, de acordo com Severino (2007, p. 122), a partir do:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

O estudo dos materiais selecionados, através de fichamentos, possibilitou uma pesquisa de natureza descritiva exploratória de cunho reflexivo sobre a problemática falta de interesse do discente pelo bem maior que é o saber em sala de aula, pois, segundo Gil (1991, p. 41), “O Fichamento permite que você reúna as informações necessárias e úteis à elaboração do texto da revisão. Podem ser elaborados diversos tipos de fichas”.

Através do fichamento tornou-se possível filtrar os conteúdos que mais se adequassem ao estudo realizado. Assim corrobora Severino (2007, p. 70), “O

fichamento de documento bibliográfico constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos...”. Esse acervo possibilitou uma visão meticulosa das ideias centrais da problematização da temática de modo organizado, coerente e objetivo, reduzindo o tempo de leitura.

À luz das autoras, pode-se entender como pesquisa exploratória (GIL, 1991 apud SILVA; MENEZES, 2005).

A Pesquisa Exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, análises de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, formas de Pesquisa Bibliográfica e Estudo de Caso.

Neste sentido, a Pesquisa Exploratória é um material que vem a somar com a investigação em curso, segurando o propósito norteador da concepção da hipótese, assim permitindo um melhor detalhamento do tema.

Valeu-se também da pesquisa de natureza qualitativa, como cita Barbato (2008, p. 16) “conhecimento mais profundo de um fenômeno, as dimensões complexas de um problema ou tema, envolvendo um número restrito de participantes [...]”. Assim, permite esclarecer e discutir materiais para prevalecer o sentido e para encontrar solução, neste objeto de estudo, a falta de interesse do aluno pela sala de aula. Ademais, foi utilizado um questionário com duas questões para nortear a pesquisa de forma clara e precisa em seus dados, aplicado ao diretor, vice-diretor, professores dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e professores do Ensino Médio de duas escolas do município de São Lourenço do Sul, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre José Herbst e a Escola Estadual de Ensino Médio Cruzeiro do Sul. Foram entregues 38 questionários e respondidos 21, portanto, 55% dos entrevistados responderam a pesquisa.

Como referencial teórico foram utilizados, entre outras publicações, os livros “Saberes docentes e Formação Profissional” de Maurice Tardif e “A motivação em sala de aula” de Jesús Alonso Tapia e Enrique Caturra Fita, onde é possível entender que para muitos gestores (professores) da sala de aula, as dificuldades encontradas durante a caminhada escolar devem servir como reflexão na sua prática pedagógica, a fim de compreender os saberes docentes e de haver constante transformação profissional, com o objetivo de resgatar a motivação dos

estudantes que percebem que a escola não está conseguindo transmitir conhecimentos.

6 – RELATO DA COLETA DOS DADOS

“Não tenho um caminho novo. O que eu tenho é um jeito novo de caminhar”.

Thiago de Mello

Para averiguar a realidade da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre José Herbst e da Escola Estadual de Ensino Médio Cruzeiro do Sul, no Município de São Lourenço do Sul, RS, utilizou-se como instrumento para a coleta de dados um questionário, aplicado aos gestores das escolas, quais sejam: diretor, vice-diretor, professores dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e professores do Ensino Médio. Foram utilizadas duas questões objetivas e oportunizado espaços para possíveis comentários.

O objetivo era investigar quais estratégias que os educadores estão utilizando para superar a questão do desinteresse por parte do aluno pela sala de aula e também o que a escola está fazendo para resolver esse problema. A escolha dessas escolas se deu por ser mais próximas do local onde a pesquisadora reside.

O questionário foi aplicado no mês de julho, sendo que na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre José Herbst foram entregues vinte e um questionários, sendo que somente quatorze questionários foram respondidos, tendo em vista a grande dificuldade em conseguir abertura para que a coleta fosse realizasse.

Primeiramente, houve uma tentativa de investigar uma escola do município que daria bons resultados para a pesquisa, porque é uma escola que recebe alunos de várias localidades, de todos os bairros da cidade e por ter um grande número de docente, mas, infelizmente, após ser comunicado que era um questionário, o tema e que teria que conter a assinatura do pesquisado, a diretora ficou de dar um retorno se conseguiria docentes que se dispusessem a responde, mas não se manifestou mais. Para Fita (2012, p. 128) “Evidentemente, é muito importante a pesquisa sobre educação [...]”.

Destaca-se que como havia necessidade de assinatura, foi um fator surpreendente saber que os docentes não quiseram assinar, pois é por meio da pesquisa que acontece a melhora no processo de ensino de aprendizagem que se desenvolve no ambiente escolar.

Assim, contactou-se a Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre José Herbst, onde houve grande aceitação. A Direção se dispôs a responder o questionário e também foi possível contato com os professores para explicar a respeito da pesquisa, onde se posicionavam verbalmente dizendo que era um assunto bem preocupante e muito relevante, e que precisa ser feita alguma coisa, em especial, mas quando foi informado aos docentes que precisariam assinar o termo para publicação do questionário, foi visível a dispersão dos entrevistados, onde foram levantando devagar e saindo, e outros disseram que precisavam de tempo para escrever e que estava na hora do intervalo e não tinham ideia para escrever, e que precisavam sair.

Alguns pegaram o questionário, mas devolveram, pois não queriam assinar, outros entregariam à tarde e outros disseram que não iriam pegar o questionário porque não iriam estar na escola à tarde. Também foram contactadas três monitoras e um servente, mas ao saberem que tinham que assinar o termo, recuaram e disseram que era um assunto muito polêmico para elas se identificarem. Enfim, no momento de recolher os questionários na Escola Padre José Herbst, alguns não foram devolvidos, poucos foram respondidos e destes alguns sem identificação e muito sucintos.

Quando da visita à Escola Estadual de Ensino Médio Cruzeiro do Sul, houve uma boa receptividade por parte da diretora e dos professores. Quando comunicado o motivo da visita, a Diretora respondeu o questionário, cinco docentes ficaram indiferentes no seu smartphone, dois simplesmente indiferentes e um docente ficou bem empolgado porque pensou que não seriam perguntas direcionadas, disse que “gostaria de falar a causa do problema, que os pais estão mimando demais os filhos.” Três docentes devolveram o questionário, um não devolveu e um docente disse que estava saindo da escola por motivo de aposentadoria, então, preferia não se manifestar e deixar para os docentes mais novos. Dos dezesseis docentes presentes, somente sete docentes responderam ao questionário e também com poucas palavras.

Este foi um breve relato de como ocorreu a investigação nas escolas entrevistadas.

6.1 – ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

O questionário aplicado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre José Herbst teve as seguintes respostas quando perguntado “Que alternativas e/ou estratégias que o professor tem criado para superar o desinteresse do aluno pela sala de aula?”.

A Diretora respondeu “*Proporcionando atividades diversificadas através de projetos, palestras, visitas, viagens pedagógicas culturais, troca de experiências. Promovendo a leitura de diversas formas na escola; feira do livro com troca de livros usados e também livros novos (aquisição), concursos de slogans, poesias. Proporcionando reuniões e oficinas (jornadas) pedagógicas dos professores*”. Já o Docente A disse que “*O professor tem se empenhado em apresentar os conteúdos em forma jogos, brincadeiras, atividades lúdicas, mas sempre relacionando com fatos atuais. O professor sempre que possível proporciona situações de experiência em que o aluno vivencie na prática os conteúdos*”.

O Docente B manifestou-se dizendo que “*Todas possíveis: aulas com recursos diferentes, principalmente, como forma de atrair a atenção para o que ser desenvolvido em aula*”. Com relação ao Docente C este disse que “*Em primeiro lugar conversamos com alunos, após a família se cria estratégias como; jogos técnicas diferenciadas para motivar os alunos*”. O Docente D disse “*Procuro contextualizar o aprendizado a realidade, busco o aluno que informações tem sobre os termos a serem estudados. Crio jogos e busco a participação do aluno na elaboração dos concretos*”. O Docente E disse que era necessário “*Conversar com o aluno para tentar entender o problema, estimular o aluno com aulas lúdicas, jogos, aulas externas para tentar motivá-los*”.

O Docente F trouxe as “*Atividades lúdicas. Atividades com material concreto*”. O Docente G destacou as “*Gravuras maquetes, reportagens, pesquisas bibliográficas, desenhos, relatos de experiências*”. A resposta do Docente H foi “*Se especializando trazendo jogos, atividades que chamam a atenção dos alunos, atividades lúdicas*”. O Docente I também se reportou às “*Atividades lúdicas. Atividades com materiais concretos. Coisas diferenciadas, o professor traz métodos diferentes, mas vai do aluno querer*”. O Docente J escreveu sobre o “*O uso das tecnologias. 2) materiais manipulativos, jogos. 3) Diálogo com os alunos*”. O Docente K disse “*Utilizo atividades variadas como: palavras cruzadas, mapas, atlas, vídeos*”.

(Power point), filme. Procuo fazer os alunos pesquisarem em livros didáticos e na internet. É uma tarefa difícil, mas estou sempre tentando, muitas vezes não consigo chamar a atenção de todos, pois geografia tem muita leitura e a maioria não gosta. Sempre que posso proponho atividades como as citadas antes, mas não são em todas as aulas". O Docente L se reportou às "Aulas práticas (laboratório), experimentações, maquetes, vídeos, filmes, visitas, viagens". E o Docente M disse que se deve "Tentar conquistar os educandos; atividades para ser entregue no final da aula".

Nesta primeira questão percebe-se que tanto a escola quanto os professores procuram despertar o interesse do aluno por meio de várias ferramentas como citadas nas respostas acima. Um docente apenas, o H, traz a questão muito importante que é da necessidade do professor se especializar, que é a questão da formação continuada. A questão do diálogo com os alunos também foi retratada e procurar conhecer a realidade e relacioná-la à aprendizagem. Essa questão do diálogo é importante para que se possa conhecer os anseios e as suas inquietações para que, posteriormente, se possa planejar uma aula na qual o aluno seja o protagonista.

Com relação à pergunta "O que a escola está fazendo para resolver o problema da falta de interesse do aluno pela sala de aula?" A Diretora respondeu que estão *"Buscando alternativas e apoio de órgãos que ofereçam parceria na tentativa de tornar + ativa a participação dos alunos e ouvindo as suas sugestões e inquietações"*. O Docente A disse que a *"A escola proporciona atividades juntamente com o grupo de professores em que o aluno possa descobrir e redescobrir o conhecimento"*. Já o Docente B respondeu que *"A Escola tem apostado muito na conscientização. Por isso, tem trazido palestrantes sobre temas diversos"*.

O Docente C disse *"Encaminhamos os alunos para instituições como caps se é o caso neurológico, conselho tutelar, salas de recursos nas escolas municipais"*. Com relação ao Docente D, este citou como meios para resolver os problemas como as *"Saídas pedagógicas, feiras internas de conhecimento, feira do livro, feira do conhecimento"*. O Docente E, o Docente F, o Docente G, o Docente H e o Docente I, na mesma linha que o Docente D, citaram *"Palestras, viagens de estudo, seminários"*; *"Atividades lúdicas. Atividades com material concreto"*; *"Feira do livro, feira do conhecimento, viagens de estudos"*; *"Trazendo as atividades diferenciadas,*

atividades lúdicas”; *“Trazendo atividades que chamem atenção do aluno, atividades lúdicas”*. O Docente J disse *“Palestras motivacionais. Reuniões com professores tentando achar melhores meios para motivar o aluno”*. A respeito do Docente K este disse que a *“A escola promove formações para os professores, juntos com o SEDUC. Através de atividades como: torneios, festas, feira do livro, palestras. Atividades que procuram fazer o estudante gostar na escola”*. O Docente L se reportou às *“Reuniões com pais de forma coletiva ou individual, atendimento ao aluno, via orientação, palestras”*. E o Docente M citou *“Reunião com pais; palestras para os alunos”*.

Diante destas respostas, observa-se que a escola, juntamente com os professores, fazem várias atividades como viagens, atividades lúdicas, feiras, reuniões com os pais, entre outras, mas destaca-se aqui um ponto que não foi mencionado em nenhuma fala que é o diálogo com o aluno, permitindo que ele se expresse e relate o que ele deseja de uma escola, quais os seus anseios a respeito da educação, enfim, não adianta proporcionar várias atividades se não primeiramente ouvir os alunos e o que eles esperam da escola. Aqui mais uma vez um Docente, o K, se reporta a questão da formação de professores, mas não se vê, por parte da direção da escola e dos demais um destaque a esta questão, que é muito importante para a prática pedagógica.

Ao entrevistar a Escola Estadual de Ensino Médio Cruzeiro do Sul, obteve-se as seguintes respostas quanto à pergunta *“Que alternativas e/ou estratégias que o professor tem criado para superar o desinteresse do aluno pela sala de aula?”*.

A Diretora respondeu dizendo que *“Os professores tentam estabelecer um bom relacionamento com os alunos, conduzindo as práticas com muito diálogo. Dessa forma, fazem tentativas de perceber os interesses, opiniões e até mesmo prováveis caminhos a serem percorridos no sentido de despertar o interessante dos alunos”*. O Docente A disse *“Penso que ver o interesse dos alunos e com essa informação da sua aula”*. O Docente B se referiu às *“Aulas mais dinâmicas, mais “práticas” menos teóricas. Trazendo o cotidiano como exemplos de teóricos”*.

Outra resposta, do Docente C, diz que se deve *“Aproximar os assuntos trabalhos em aula da realidade dos alunos”*. Já o Docente D se reporta à realização de *“Atividades diferenciadas, utilização de diferentes recursos”*. O Docente E disse

que é necessário *“Muita conversa com os alunos; chamamento da família, atividades diferenciadas”*. O Docente F respondeu que uma das alternativas é o *“Uso de metodologias e linguagens práticas para o aluno, bem como uso da tecnologia. Buscar juntar os conteúdos ao cotidiano dos alunos. Elaboração de projetos”*.

Percebe-se aqui, por meio das respostas, que a escola tem proporcionado o diálogo com os alunos, em busca de saber as suas expectativas quanto ao aprendizado e também tem se preocupado em trazer a realidade deles para a sala de aula, trabalhando segundo as suas vivências. É importante que o aluno se sinta parte do processo de ensino e aprendizagem e não somente um mero expectador que recebe tudo pronto. É imprescindível também que ele tenha voz, que seja ouvido, pois assim se tornará o sujeito do seu aprendizado. Outra palavra interessante utilizada pela Diretora foi “despertar”, é preciso despertar o aluno para a construção do seu conhecimento, demonstrando a importância que isso tem para a sua vida tanto pessoal quanto profissional.

A respeito da pergunta “O que a escola está fazendo para resolver o problema da falta de interesse do aluno pela sala de aula?”, a Diretora disse que *“Temos atualmente uma consultoria com duas psicólogas que estão realizando palestras motivadoras. Também procuramos sempre trabalhar em parceria com as famílias, conhecendo a realidade dos alunos, valorizando o que eles sabem/ trazem para a escola”*. O Docente A manifestou-se dizendo que *“Não percebo que haja um envolvimento real do ensino público para que tal situação se modifique”*. Já o Docente B disse *“Trazendo a participação do aluno no cotidiano escolar”*. O Docente C se remeteu à escola dizendo que *“A escola fornece subsídios para professores para aproximar os alunos do contexto escolar”*. O Docente D disse *“Desenvolvendo projetos para despertar interesse e envolvê-los”*. O Docente E disse que há *“Muita conversa com os alunos, chamamento da família”*. E o Docente F se reportou às *“Atividades diferenciadas e multidisciplinares. Projetos integrados”*.

Percebe-se, a partir das respostas dos respondentes, que nenhum entrevistado se reportou à questão da formação continuada, que é um ponto muito importante neste contexto. Também se observa que a escola atua no combate ao desinteresse, mas não há um planejamento, com metas e objetivos a atingir. Parece

que se “atira” para todos os lados na tentativa de resolver esse problema do desinteresse dos alunos.

As respostas dos participantes quase não abordaram a formação continuada dando clara noção de que a formação não se faz necessário para somar com esse problema que assola a sala de aula. Isso parece que a graduação por si só já basta, não havendo a necessidade por aperfeiçoamento, além de terem uma sobrecarga de trabalho, com várias aulas semanais, fator que também os impendem de fazer capacitação profissional. Mas, atualmente, somente o curso de graduação não concede condições necessárias para intervir na realidade escolar que contribua no sucesso da formação do discente do século XXI.

Observa-se que as escolas, juntamente com os docentes, tentam fazer o seu papel na batalha contra o desinteresse do aluno, com o objetivo de despertar o aluno na produção do seu conhecimento pessoal e profissional, mas verifica-se que existem lacunas na tentativa de resolver esse problema da falta de interesse dos alunos, pois não se vê um planejamento, com metas e objetivos a atingir. No entanto, para desempenhar essas ações, é imprescindível compreender que a capacitação continuada é um requisito fundamental na prática pedagógica no processo de ensino e de aprendizagem para produzirem resultados de mudanças e melhoria na qualidade da educação oferecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto você não tem condições melhores, para fazer melhor ainda.”

Mario Sergio Cortella

Ao chegar ao final desse trabalho, tem-se ciência de que esta pesquisa não esgota a temática em questão, pois se tem pouco material de pesquisa a respeito do referido tema. A prática pedagógica e a luta diária do docente são bem complicadas. Com isso, pode-se mencionar inúmeros fatores que corroboram para os problemas enfrentados na gestão da sala de aula, a respeito da falta de interesse que vem de longas datas.

Nesse sentido, Tapia (2012, p. 47 e 48), comenta que:

No entanto, na medida em que a situação atual não implica propor aos alunos seus trabalhos escolares no contexto de projetos de desenvolvimento, é difícil que possam superar a sensação de fazer coisas que não têm sentido para eles, o evidentemente desencadeia processo negativo no ponto de vista motivacional.

Foram vários trabalhos que nortearam a confecção desta monografia referente à falta de interesse dos estudantes. As leituras direcionaram que é do professor que os alunos dependem, pois, por meio de dele, a aula pode ser um espetáculo ou um tédio, e o que se tem atualmente é um modelo de escola que não condiz com a realidade do aluno, mas percebe-se que as escolas, juntamente com o gestor (professor) da sala de aula, estão trabalhando para disponibilizarem um ambiente instigante na aprendizagem. Segundo Tardif “o saber profissional está, de certo modo, na confluência de vários saberes oriundos da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educacionais, das universidades”. (TARDIF, 2008, p. 19). Nesse sentido, o autor diz que somente o ensino vivenciado nas universidades, o qual é levado para a sala de aula, não atrai mais o discente contemporâneo, por isso, inovar se faz necessário.

Durante os estudos percebeu-se que os docentes têm a grande responsabilidade com suas práticas pedagógicas em relação à falta de interesse dos discentes, uma vez que “[...] é sobre os ombros deles que repousa, no fim das contas, a missão educativa da escola”. (TARDIF, 2008, p. 228). Orientar uma sala de aula é tarefa que o professor sabe desempenhar, mas a falta de interesse, que é

questão do paradigma atual da gestão da sala de aula, está instigando o professor a ir buscar, ultrapassar todas as barreiras e encontrar novos caminhos educacionais ante a esse fator que desestabiliza a sala de aula, pois, conforme Tardif “[...] os profissionais têm sido permeados por conflitos de valores para os quais está ficando cada vez mais difícil achar ou inventar princípios reguladores e consensuais” (p. 253).

Phelan e Schonour (2009, apud GOMES; MARQUES; RODRIGUES, 2012, p. 3) destacam o desafio do educador de trabalhar a disciplina em sala de aula.

Muitos professores sentem-se bem -preparados para ensinar clássicos aos seus alunos, ainda que muito despreparados para enfrentar um comportamento desafiador (...). O comportamento indesejável deve ser administrado para que ocorra a aprendizagem. O problema é que muitos professores não sabem por onde começar a administração do comportamento.

Diante desse cenário tão difícil que a educação enfrenta, o gestor de sala de aula tende a ficar refém da problemática falta de interesse dos estudantes, da falta de valorização pelos governos e pela família, da carga horária sobrecarregada, da formação precária e do currículo a ser obedecido obrigatoriamente, o que o torna conteudista e fora da realidade dos alunos, mas o professor está sentindo a necessidade de mudança na sua prática pedagógica. Nesse sentido, Tardif (2008, p. 242), acrescenta que:

O que é preciso não é exatamente esvaziar a lógica disciplinar dos programas de formação para o ensino, mas pelo menos abrir um espaço maior para uma lógica de formação profissional que reconheça os alunos como sujeitos do conhecimento e não simplesmente como espíritos virgens aos quais nos limitamos a fornecer conhecimentos disciplinares e informações procedimentais, sem realizar um trabalho profundo relativo às crenças e expectativas, sociais e afetivas [...]. Essa lógica profissional deve ser baseada na análise das práticas, das tarefas e dos conhecimentos dos professores de profissão; ela deve proceder por meio de um enfoque reflexivo, levando em conta os condicionantes reais do trabalho docente e as estratégias utilizadas para eliminar esses condicionantes na ação.

As análises feitas na pesquisa e apresentadas no presente trabalho indicam que as duas Escolas do Estado pesquisadas em São Lourenço do Sul estão se mobilizando para superar a falta de interesse do aluno pela sala de aula e percebe-se que há atitudes de inovação para poderem despertar o interesse do aluno, tanto por parte dos diretores e dos professores da sala de aula, apoiados mais em suas bagagens de experiências profissionais, aplicando alternativas por meio de várias

atividades, mas essas estratégias necessitam de um melhor planejamento para que sejam efetivas.

Nesse sentido, os dados levantados nas escolas pesquisadas em São Lourenço do Sul, mesmo sem um planejamento adequado na intenção de combater a falta de interesse dos alunos pela sala de aula, demonstram que os professores estão abraçando essa causa para desvencilhar as mazelas do desinteresse do educando, através de metodologia voltada para a necessidade de inovação que possa atrair o discente para a sala de aula.

Um fator bem relevante que apareceu em uma das escolas pesquisadas, apresentados pelos docentes, foi o de deixar o educando falar, esta é uma ótima oportunidade para o estudante se envolver no processo de ensino e aprendizagem, fazendo dele o sujeito desse processo. A partir dessa oportunidade de diálogo, a escola está abrindo espaço para ouvir e ser ouvida, para que se possa conhecer os anseios e as inquietações, assim, fazer com que o aluno perceba que a escola faz sentido em sua vida, além de possibilitar que o professor conheça melhor o aluno, e com essa interação surgir um ambiente de confiança entre ambos, fazendo com que o discente possa ser o protagonista e sinta-se capaz de construir conhecimento.

No contexto observado na escola Padre José, com relação ao que a escola está fazendo para resolver a falta de interesse, não foi mencionado o diálogo com o aluno. Parece-se que a escola está na contramão do docente, aparentemente quem tem que resolver esse problema é o docente. Desse modo, a escola precisa ir além de seus muros, caso contrário, não adianta proporcionar várias atividades se não for feito um diagnóstico, isto é, se o mais atingindo não for ouvido e compreendido pela escola.

Com relação a formação continuada como alternativa para superar a desinteresse do aluno pela sala de aula nas escolas pesquisadas em São Lourenço do Sul, apesar de não ter sido esse o foco da pesquisa, em nenhum momento foi mencionado pelos entrevistados a importância dessa formação, o que demonstra que as escolas estão tentando superar o desinteresse do aluno pelo saber, sem pensar o todo, sem um planejamento, com metas e objetivos a atingir. É preciso um novo olhar sobre as práticas pedagógicas já existentes, por isso a importância da formação continuada. Essa capacitação propicia ao docente um conhecimento novo, conduz a uma reflexão na sua prática diária, a qual proporciona melhorias na prática

pedagógicas e inovação na aprendizagem em sala de aula, valorizando o trabalho do professor e satisfazendo o aluno.

Para tanto, ser um professor da sala de aula é um grande desafio, pois esse ambiente precisa ser reinventado, apesar do professor estar indo de “passos curtos” na captação e direcionamento dos anseios desses estudantes que não têm motivação com o que a escola vem lhe oferecendo.

Diante das dificuldades supracitadas, percebe-se que o cenário é de reflexão, de preocupação e de mudanças em pequena escala para atenuar essa falta de interesse do aluno pela a sala de aula.

Os estudos foram pertinentes porque reforçaram que o professor tem um papel muito importante de comprometimento com o espaço coletivo, com a aprendizagem, em todos os sentidos, mas o revisitado nessa análise é a preocupação pela luta pela falta de interesse do aluno pela sala de aula, por isso, o docente precisa conhecer o seu aluno para poder inovar e transformar a sala de aula com a valorização da realidade dos alunos.

O desinteresse é uma maneira que o estudante tem de reagir à didática que está sendo trabalhada em sala de aula. Conforme a fala da diretora de uma das escolas pesquisadas em São Lourenço do Sul, o aluno não foi “despertado”, as aulas ministradas precisam ser envolventes, precisam ser incorporadas no cotidiano, precisam ter diálogo, e que o discente possa participar, sentindo-se desafiado a construir o seu próprio conhecimento e a descobrir a importância que isso tem para a sua vida pessoal quanto profissional.

Frente a isso, faz-se necessário o envolvimento de todos os sujeitos no processo de ensino e aprendizagem para encontrar mecanismos para acompanhar a evolução desses alunos; começando sempre pelo diálogo para poder ter um relacionamento confiável, de respeito mútuo, saber ouvir e ser ouvido e, assim, poder ter o domínio da sala de aula, o que possibilitará discutir, debater assuntos e fomentar novos desafios entre os discentes, tornando as aulas mais atrativas e satisfatórias para os estudantes. Isso também implica em saberes experienciais e na formação continuada de professores para que eles tenham clareza de atenuar de forma reflexiva oportunizando uma prática fundamentada no cenário do desinteresse do aluno.

Percebe-se que mesmo com todas as dificuldades da educação, falta de planejamento, objetivos não bem direcionados, metas não bem estabelecidas, as

escolas, juntamente com os professores da sala de aula, estão com muita garra para continuar nessa batalha para combater a falta de interesse do aluno pelo saber em sala de aula. A escola nunca deve perder o seu papel de referência na vida dos discentes.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel (Coord.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2005.

ALMEIDA, A. G de. **Educação e evangelização: a convivência de jesuítas e índios no século XVI no Brasil**. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/aluno/down.php?cod=1676>>. Acesso em: 30 maio 2018.

AQUINO, J.G. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação - USP**. São Paulo, V. 24, n.2, 1998.

_____, J. R. G. Disciplina e indisciplina como representações da educação contemporânea In: BARBOSA, R. L. L. (org.) **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ARANHA, Antônia Vitória Soares. Gestão e organização do trabalho escolar: novos tempos e espaços de aprendizagem. IN: OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Gestão Educacional: Novos olhares, novas abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BARBATO, S. **Metodologia da pesquisa qualitativa**. Módulo 6. Brasília: Ed. UNB, 2008.

BIN, A. C. COMO EXPLICAR A 'FALTA DE INTERESSE' DOS ALUNOS?. **Revista Psicologia**. Vol. 14, n. 20, ano 2011. Disponível em: <www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/download/2510/2403>. Acesso em: 18 maio 2018.

BINI, L. R.; PABIS, N. Motivação ou interesse do aluno em sala de aula e a relação com atitudes consideradas indisciplinadas. **Revista Eletrônica Lato Sensu**. UNICENTRO, v. 3, n.1, mar. 2008.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

BRITO de, R. M. **Breve histórico do curso de pedagogia no Brasil**. Disponível em: <dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/1breve_historico_curso_pedagogia.pdf>. Acesso em: 23 maio 2018.

CARVALHO, F. V. **Pedagogia da Cooperação: uma introdução à metodologia da aprendizagem cooperativa**. Piracicaba: Imprensa Universitária Adventista, 2000.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CIOLA, A. C. L. **Reflexões sobre a sala de aula** - FATEC Bauru. Disponível em: <www.fatecbauru.edu.br/ojs/index.php/rehute/article/viewFile/16/15>. Acesso em: 17 maio 2018.

CRUZ da L, A. N.; GUIMARÃES, T.; MARTINS, R. A; SILVA, I. A. **O aluno e o desinteresse em aprender**: percepções e ... - Unoeste. Disponível em: <www.unoeste.br/.../O%20ALUNO%20E%20O%20DESINTERESSE%20EM%20APR...>. Acesso em: 17 maio 2018.

DRABACH, N. P.; MOUSQUER, M. E. L. Dos Primeiros Escritos Sobre Administração Escolar no Brasil aos Escritos Sobre Gestão Escolar: mudanças e continuidades. In: **Currículo sem Fronteiras**, v. 9, n.2, pp. 258-285, Jul/Dez 2009.

ELIAS, M. D. C. **Pedagogia Freinet – Teoria e prática**. São Paulo: Papyrus, 2000.

CORREIO BRAZILIENSE. **Estudo revela motivos para o desinteresse de estudantes pelo ensino** ...Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/...estudante/ensino_educacaobasica/.../ensino_e>. Acesso em: 22 maio 2018.

FAUSTO, B. **História do Brasil**: São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**: 9ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2004.

GARCIA, C. M. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto Editora, 1999. (Coleção Ciências da Educação – século XXI).

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, M. M. C.; MARQUES, L. C.; RODRIGUES, I. A. de A. **O papel do professor na gestão da indisciplina em sala de aula no universo da adolescência**. VII CONNEPI. 2012. Disponível em: <propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/5555/2808>. Acesso em: 16 maio 2018.

JUNIOR, F. D. D.; JUNIOR, C. R de L.; LEMES, P da S.; LIMA de, G. V.; SOARES, M de A. A. **O educador e a gestão da sala de aula**: combate à indisciplina e os desafios do processo de ensino-aprendizagem. III CONEDU – Congresso Nacional de Educação. Editora Realize. Disponível em: <www.editorarealize.com.br/.../TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID12487_18082016..>. Acesso em: 17 maio 2018.

KALINKE, M. A. **Para não ser um professor do século passado**. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, S da. S.; NETO, F. R. A. **Desafios na Prática Pedagógica do Docente iniciante em instituições de ensino superior**. FAMETA. Disponível em: <fameta.edu.br/media/files/35/35_1200.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2018.

MAIA, E. M. de O. **Práticas pedagógicas de intervenção em contexto de Indisciplina**. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. PUC/PR: Disponível em: <educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5563_3037.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

NÓVOA, A. **Escola nova. A revista do Professor**. Ed. Abril. Ano. 2002.

OLIVEIRA de, W. M. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem**. Inesul. Disponível em: <https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

PÉREZ, G.; ÁNGEL, I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, P. **10 Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PRÁTICAS docentes e gestão da sala de aula. pg. 80 a 109. PUC–RIO – Certificação Digital N. 0913495/CA. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=911098>. Acesso em: 25 maio 2018.

SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ G. A. I. **Compreender e transformar o ensino**. trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4ª Ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANDER, Benno. **Políticas Públicas e Gestão Democrática da Educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

SANGENIS, L. F. C. **Franciscanos na educação brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. L da. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação** - Projetos - Ufsc. Disponível em: <https://projetos.inf.ufsc.br/.../Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_diss...>. Acesso em: 18 maio 2018.

SOUZA, Angelita de. **Motivação docente**: uma pesquisa bibliográfica. 2012. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2012. Disponível em: <www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ANGELITA%20DE%20SOUZA.pdf>. Acesso em: 18 maio 2018.

STEDILE, M. I. **O professor como gestor da sala de aula**. 2009. 22 f. Artigo apresentado à SEED (Participação no Programa de Desenvolvimento Educacional). Universidade Estadual de Maringá. Umuarama. 2009. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2145-8.pdf>. Acesso em: 25 maio 2018.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula**: o que é, como se faz. – 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

VASCONCELLOS, C. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. PUC/SP. [20--?]. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf>. Acesso em: 22 maio 2018.

WACHOWICZ, Lílian Anna. **Pedagogia mediadora**. Petrópolis, Vozes, 2009.

ZAGURY, Tania. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

Polo: São Lourenço do Sul - RS

Professor Orientador: Belkis Souza Bandeira

Pesquisadora: Geni Ricardo

Pesquisa: Gestão da Sala de Aula: um desafio para o professor

QUESTIONÁRIO

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a opinião dos professores da escola sobre o desinteresse dos alunos pela sala de aula e quais as práticas desenvolvidas pela escola para resolver esse problema.

Agradeço a disponibilidade e atenção que será dada a este questionário, que certamente virá a enriquecer e a valorizar a pesquisa que estou desenvolvendo no Curso de Especialização em Gestão Educacional na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Questionário dirigido ao Diretor/Professor

1) Que alternativas e/ou estratégias que o professor tem criado para superar o desinteresse do aluno pela sala de aula?

2) O que a escola está fazendo para resolver o problema da falta de interesse do aluno pela sala de aula?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, RG _____, confirmo que fui esclarecido(a) de forma detalhada e sem qualquer constrangimento, sobre as intenções deste trabalho. Autorizo a transcrição e utilização de dados referente a minha entrevista.

Assinatura do entrevistado: _____

Telefone (_____) _____ email:

Local e data: _____, _____

Assinatura _____ da _____ pesquisadora:
